

mobile **REVISTA**  
**Forum** outro mundo em debate

Semanal | 11.4.2025

# SEM ANISTIA

VAI TER PERDÃO  
AOS GOLPISTAS?

158



# Forum

outro mundo em debate

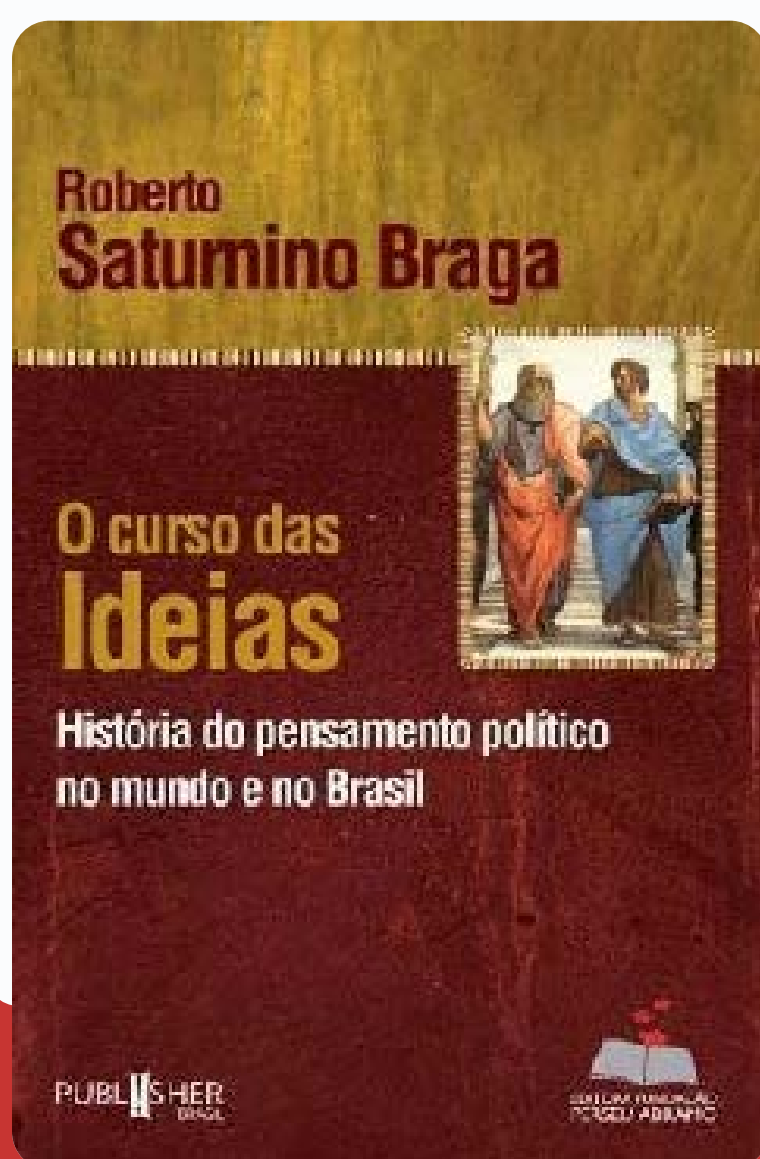
## O BRASIL É DOS BRASILEIROS

Compre já o boné dos  
verdadeiros patriotas!



**GANHE  
GRÁTIS**

\*imagem meramente ilustrativa



**PRÉ-VENDA NA  
LOJA DA FÓRUM**

**CLIQUE  
AQUI**

**/ Capa****SEM ANISTIA: VAI TER PERDÃO AOS GOLPISTAS?**

4 | Por que Bolsonaro garante que não será preso?, por Henrique Rodrigues

11 | Por que anistia aos condenados do 8 de janeiro é inconstitucional?, por Marcelo Uchôa

**/ Política**

17 | João Cezar de Castro Rocha: “Estamos assistindo ao definhamento precoce do bolsonarismo”, por Júlia Motta

**/ Segurança pública**

25 | A nova “PEC da Segurança” e o velho dilema da violência estatal, por Álvaro Quintão

**/ Economia**

31 | O mercado afronta a democracia, por Neiva Ribeiro

**/ Moda e política**

36 | O boné Maga e a guerra das tarifas, por Iara Vidal

**/ Global**

49 | Nova coalizão na Alemanha, por Ivan Longo

**/ Crônica**

57 | Salvem Floripa! Uma bela cidade, mas..., por Mouzar Benedito

**70 / Expediente**

**Capa:** Montagem



Global

**POR QUE  
BOLSONARO  
GARANTE QUE  
NÃO SERÁ  
PRESO?**

por Henrique Rodrigues



## EX-PRESIDENTE GOLPISTA COMEMORA ABERTAMENTE E CRAVA QUE FICARÁ LIVRE

**J**air Bolsonaro (PL) teria mudado completamente de ares nas últimas 24 horas. Após dar entrevistas afirmando não ter dúvidas de que iria para a cadeia, e que isso representaria o fim de sua vida, agora o ex-presidente golpista vem apresentando um comportamento esfuziante, comemorando o que, segundo ele, seria uma mudança de cenário que lhe permitiria garantir que não será mais preso.

A reviravolta no comportamento do líder máximo da extrema direita brasileira se deve ao andamento do processo de coleta de assinaturas para pautar em regime de urgência na Câmara Federal o Projeto de Lei da Anistia para os golpistas criminosos do 8 de janeiro de 2023. Com as 257 assinaturas necessárias em mãos, tanto Bolsonaro como as principais figuras do PL alimentam a base radicalizada de lunáticos que os sustentam com a falácia de



Foto: Vinicius Loures / Câmara dos Deputados

**O líder do PL na Câmara, deputado Sóstenes Cavalcante, afirmou que já foram coletadas as 257 assinaturas necessárias para pautar em regime de urgência o PL da Anistia**

que isso seria o suficiente, como num passe de mágica, para pôr fim à situação crítica do antigo ocupante do Palácio do Planalto.

Somado a isso há ainda um jogo de cena com pitadas de blefe por parte de Bolsonaro, algo que ele domina muito bem. Houve uma nova reunião dele com Hugo Motta (Republicanos-PB), presidente da Câmara, na quinta-feira (10), que na prática não mudou muita coisa em termos de entendimento sobre o assunto, mas que o ex-presidente da República está vendendo como se fosse “um encontro para negociações sobre seu futuro”, despertando um patético otimismo infantil em seus seguidores extremistas.





Fotos Câmara dos Deputados

**Hugo Motta, presidente da Câmara dos Deputados,  
e Davi Alcolumbre, presidente do Senado**

A bem da verdade, a reunião com Motta apenas serviu para confirmar o que já estava posto: regime de urgência não significa que o PL da Anistia irá para a votação, até porque isso dependeria de um acordo entre os líderes partidários, tampouco significa que a matéria não terá que entrar numa longa fila de anos entre os projetos também colocados em urgência anteriormente. Ou seja, nada mudou e o jovem comandante da Câmara segue pondo água no chope dos golpistas. Para Motta, o melhor mesmo seria uma “saída negociada”, com o Supremo Tribunal Federal (STF) dando uma reduzida nas penas dos condenados e o processo contra Bolsonaro e seus sete principais colaboradores seguindo o rito normal

da Corte.

Para o PL e Bolsonaro, a tática é simples: conseguindo as assinaturas, algo que não representaria nem 10% da solução para seus problemas, é só cantar vitória e insuflar a claque de extremistas, que seguiriam nas redes e nas ruas (com cada vez menos gente) propagando o “triunfo”. Quando tudo der errado, naturalmente, a culpa será de alguma irregularidade imaginária atribuída aos inimigos, sejam eles Moraes, Lula, Motta, Alcolumbre ou seja lá quem for.

Para desmistificar isso, o deputado federal

**Lindbergh Farias** (PT-

RJ) fez uma publicação no X bastante didática, mostrando por que a tal coleta das 257 assinaturas para pautar o

PL da Anistia em caráter de urgência na Câmara não significa praticamente nada, mantendo a situação de Bolsonaro como está.

O fato de receber o carimbo de “urgência” não faz com que o PL seja votado imediatamente. Há uma fila com milhares de PLs iguais e muitos estão há vários anos na fila aguardando serem levados a votação em Plenário. O presidente da Câmara também não é obrigado a acatar o





pedido assinado de urgência apresentado por um grupo de deputados.

---

Seria necessária uma justificativa muito convincente, e com grande amparo popular, para fazer com que o Projeto de Lei da Anistia fuisse a fila. Não há nenhuma das duas coisas.

---

Os argumentos em torno da pauta são ridículos, já que aqueles envolvidos são criminosos comuns que tentaram derrubar um governo democraticamente eleito destruindo as sedes dos Três Poderes da República, e o apoio da população não existe, haja vista as minguadas e fracassadas manifestações, assim como as pesquisas de opinião que mostram que a imensa maioria dos brasileiros não quer anistiar esses golpistas.

Além do mais, o PL da Anistia teria que ser aprovado em Plenário com voto aberto. O nome de cada deputado que aceitar o descalabro se tornará público e isso pode ter um preço político. Em véspera de ano eleitoral, tal realidade não seria tão bem-vinda assim para a maior parte desses parlamentares.

Se não bastasse, o PL subiria para o Senado e lá precisaria ser pautado pelo presidente da Casa, Davi Alcolumbre (União Brasil-AP), aliado



do governo Lula que já sinalizou que não tem a menor intenção de apoiar tal maluquice. Dificilmente os bolsonaristas conseguiriam empurrar goela abaixo tal pauta no Senado e igualmente difícil seria aprová-la na câmara alta. Sem contar que, sem urgência, a iniciativa poderia ficar anos por lá.

Por fim, mesmo com uma sanção presidencial, a matéria não teria efeito imediato diante da apresentação de uma ação no Supremo Tribunal Federal contestando sua constitucionalidade. Conforme a **Fórum** mostrou com exclusividade em junho do ano passado, numa entrevista com o ministro Alexandre de Moraes, em Lisboa, apenas o STF é o foro para determinar se uma anistia conferida a alguém é legal ou não, sinalizando que a Corte tem um entendimento prévio de que a ação patrocinada pelos bolsonaristas é algo oportunista e em nítido desvio de finalidade, o que provocaria imediatamente a sua anulação pelo Judiciário. ♦

▶ **Clique aqui** e assista ao Fórum Onze e Meia: **“Vai ter perdão para os golpistas?”**.

▶ **Clique aqui** e assista ao Jornal da Fórum: **“Bolsonaro diz que não será mais preso”**.





Foto Gabriela Bilio/Folhapress

Capa

# Por que anistia aos condenados do 8 de janeiro é inconstitucional?

por Marcelo Uchôa

**A**os poucos as instituições brasileiras vêm demonstrando que são mais fortes do que a trama golpista de 8 de janeiro de 2023. Nem por isso é possível afirmar que a democracia nacional está isenta de riscos, prova disso é a movimentação dos simpatizantes do golpismo em favor de anistia



para os condenados que, em associação criminosa armada, tentaram abolir o Estado Democrático de Direito, depondo, por violência, governo legitimamente eleito, com direito a cometimento de dano qualificado e deterioração do patrimônio tombado.

Mas, afinal, o que é a anistia? Anistia, que para uns significa perdão e para outros, esquecimento, é uma possibilidade prevista por um ordenamento jurídico de excluir a punibilidade de certos crimes por razão de utilidade social. A anistia política, aplicada especificamente a crimes dessa natureza, visa selar a paz interna, beneficiando quem, por alguma razão, esteja sofrendo uma opressão indevida. Esse precioso e excepcional instituto, exatamente por lidar com crimes de natureza política, deve decorrer de uma pactuação ampla, chancelada por todos os Poderes, mediante uma hígida concertação social.

No Brasil, a adoção da anistia está prevista no art. 48, VIII, da Constituição, como competência do Congresso, sujeita à sanção do presidente da República. Ela é vedada para os crimes de tortura, tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins, terrorismo e crimes hediondos (art. 5º, XLIII). Assim, é possível conceder-se no país anistia para crimes políticos... desde que haja pactuação social. Essa exigência



de concertação ampla não está expressa na Constituição, mas nem seria necessário, afinal, trata-se de imperativo ético. Sem ajuste amplo, convencimento adequado, paz nenhuma seria alcançada. Exercício hermenêutico simples basta para concluir que esse é o entendimento da Carta de 1988.

---

Sobre os delitos do 8 de janeiro, pergunta-se: quais foram os condenados pelos crimes havidos naquele dia injustamente oprimidos? Alguém não contou com o amplo direito de defesa? Alguém preso não deveria ter sido encarcerado? À parte a gravidade colossal de tramar e atentar contra o Estado e a democracia, desde quando deterioração de patrimônio público tombado, depredação, emprego de violência em associação criminosa são crimes políticos? Há consenso social, pactuação entre Poderes sobre a ideia de anistia política atualmente debatida no Congresso? Não. Portanto, não pode haver anistia.

---

Além disso, a anistia é impossível quando visa desobedecer decisão do Judiciário. Advogar por isso é defender o ataque de um Poder sobre outro, algo que a Constituição refuta, sendo capital sublinhar que, no caso





## **A ANISTIA É IMPOSSÍVEL QUANDO VISA DESOBEDECER DECISÃO DO JUDICIÁRIO**

Foto: Joedson Alves/Agência Brasil

em espécie, tal ofensa parlamentar seria contra um Judiciário que agiu como agiu para defender o Estado Democrático de Direito. A impossibilidade de anistia política com esse condão não seria nem é uma especulação filosófica, é um precedente já consolidado pelo Superior Tribunal Federal (STF) na ADPF 964, que afastou a graça concedida pelo ex-presidente (hoje réu) Bolsonaro ao ex-deputado condenado Daniel Silveira.

Assim, uma eventual aprovação parlamentar de anistia política nos termos ora pretendidos pelos simpatizantes dos condenados no 8 de janeiro de 2023 seria inconstitucional.





Foto: Joedson Alves/Agência Brasil

Tranquilizem-se os que a pedem, porque os criminosos hoje condenados serão soltos tão logo cumpram suas penas. De mais a mais, que fique o alerta de que atentar contra a democracia, fazendo uso ou não da violência, é algo repelido pela Constituição, pelas instituições e pelo povo brasileiro. A dura realidade que a experiência pátria comprovou é que o golpista que pede anistia é o mesmo que busca a impunidade para tentar novo golpe adiante. Com efeito, anistia nunca para os condenados do 8 de janeiro!♦

Marcelo Uchôa é doutor em direito constitucional, presidente da Comissão da Memória, Verdade, Justiça e Defesa da Democracia da OAB-CE e advogado da Uchôa Advogados Associados.

\*Este artigo não reflete, necessariamente, a opinião da Fórum.



# FÓRUM ANTECIPOU

Assista ao documentário que  
mostra em detalhes a trama  
golpista para impedir  
a posse de Lula

ATO  
18

O GOLPE  
CONTRA  
LULA

Direção Luiz Carlos Azenha

Documentário em três episódios

[Clique aqui e assista](#)





Foto Reprodução Facebook

**Política**

**João Cezar de Castro Rocha**

# “Estamos assistindo ao definhamento precoce do bolsonarismo”

por **Júlia Motta**

**O** Fórum Onze e Meia de quarta-feira (9) recebeu o escritor, historiador e professor de literatura João Cezar de Castro Rocha para comentar sobre o atual cenário político no Brasil, principalmente sobre a força do bolsonarismo e as expectativas para

o futuro do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), agora réu no Supremo Tribunal Federal (STF) por tentativa de golpe de Estado.

Rocha relembrou que, em seus dois livros dedicados ao tema do bolsonarismo, ele defendia a ideia de que o movimento de apoio a Bolsonaro permaneceria até mais forte sem a figura do ex-presidente.

---

“ Eu supunha isso porque, em 2018, nós temos que reconhecer, com bastante honestidade intelectual, que o Bolsonaro foi o maior fenômeno político individual da Nova República”.

---

“Aquela onda que ele provocou, aquelas dezenas de milhões de votos, ele elegeu deputados estaduais, deputados federais, senadores, governadores, muitos colocaram Bolsonaro na cédula para serem eleitos. Foi um fenômeno impressionante. Eu sou do Rio de Janeiro, eu jamais imaginei que o Bolsonaro teria um carisma com potencial messiânico, o que ele mostrou que tem. Então, em 2018, o Bolsonaro trouxe consigo multidões”, avaliou o historiador.

No entanto, ele afirma que precisa reconhecer que estava equivocado, e que agora o que acontece é o inverso do que ele





Foto: Tania Regó/Agência Brasil

**Em 2018, Jair Bolsonaro foi eleito presidente do Brasil com 55% dos votos válidos**

previu: o bolsonarismo está perdendo força no cenário atual.

“Foi um fenômeno incrível. Já em 2022, o fenômeno se inverteu”, afirma Rocha. Para ele, Bolsonaro chegou ao segundo turno das eleições presidenciais de 2022 não por ele, mas sim pelo bolsonarismo.

“Foi o movimento bolsonarista que levou o Bolsonaro para o segundo turno, já numa inversão que mostrou algo muito importante: que o bolsonarismo já não se sustentava sozinho”, defende Rocha. “Ele [Bolsonaro] já não seria capaz de enfrentar uma eleição majoritária sem a presença de determinados líderes evangélicos com base na chamada

teologia do domínio, que fazem uma deturpação tremenda do repertório bíblico para apoiar o Bolsonaro, o que provocou um fenômeno no Brasil”, completa o historiador.

---

“Então, em 2018, Bolsonaro é o carro-chefe. Em 2018, o movimento impulsionou, mas hoje eu acho que eu estava equivocado. Eu acho que nós estamos assistindo ao definhamento precoce do bolsonarismo”, analisa Rocha.

---

O historiador argumenta que, numa tentativa “desesperada” de salvar Bolsonaro do processo por tentativa de golpe, o bolsonarismo “está queimando todos os navios, está destruindo todas as pontes possíveis e imagináveis com o sistema político e com o sistema judiciário”.

“Porque, veja bem, olha a mensagem que os bolsonaristas estão transmitindo conscientemente para qualquer juiz, qualquer desembargador, qualquer procurador, qualquer defensor público: ‘ou você apoia 100% a agenda da defesa do Bolsonaro, ou nós podemos sair do país e procurar uma retaliação judicial numa potência estrangeira que seja eventualmente aliada do bolsonarismo’”, afirma Rocha.

Ele cita o caso do deputado Eduardo



Bolsonaro (PL-SP), que está há um mês nos Estados Unidos e pediu licença do seu mandato na Câmara para promover uma série de ataques e ameaças à Suprema Corte brasileira. “É um crime, é traição à pátria”, ressalta Rocha.



Fotos Nelson Jr./SCO/STF

**Nunes Marques e André Mendonça, os ministros do STF indicados por Bolsonaro**

“A mensagem que ele transmite para o sistema judiciário brasileiro é queimar todas as pontes. Eu diria que hoje há dois juízes do Supremo Tribunal Federal que não conseguem dormir bem. Não é Flávio Dino, tampouco Alexandre de Moraes. São Nunes Marques e André Mendonça”, analisa Rocha. O historiador faz a afirmação com base em uma declaração de Bolsonaro de que em 2026 haverá “outro TSE [Tribunal Superior Eleitoral]”. “O que já coloca nas costas do Nunes Marques, que será o presidente do TSE, um peso insuportável”, diz Rocha.

O historiador também destaca um “erro

grave” cometido por Silas Malafaia e outros políticos apoiadores de Bolsonaro no ato de domingo (6) na Avenida Paulista. Na manifestação, o pastor declarou para Hugo Motta (Republicanos-PB), atual presidente da Câmara dos Deputados, a seguinte frase: “não desonre a Paraíba, seja macho, seja cabra macho”, referindo-se à aprovação do projeto que pede anistia aos golpistas de 8 de janeiro.



Fotos Reprodução

**O pastor Silas Malafaia e Hugo Motta, presidente da Câmara dos Deputados**

Para Rocha, os bolsonaristas estão “queimando todas as pontes com o sistema político e judiciário”. Isso porque, para o historiador, Hugo Motta é um deputado da Paraíba com uma tradição do coronelismo por trás. “Não existe nada mais importante para um deputado como Hugo Motta do que a certeza que a sua autoridade não será contestada”, afirma Rocha.



“Por isso, eu agora estou revendo a minha avaliação. O Bolsonaro definhará mais rapidamente do que nós supomos”, defende o historiador, que também afirma que esse definhamento a médio e longo prazo é uma “boa notícia para a direita brasileira”.

“O campo político que mais sofreu com o avanço do Bolsonaro não fomos nós. Nós fomos perseguidos, vilipendiados, xingados, mas o PT voltou ao poder. A esquerda se reorganizou para enfrentar a ameaça Bolsonaro. O campo político que realmente foi canibalizado pelo bolsonarismo foi o campo dos conservadores e o campo da direita. Para a direita é uma boa notícia que Bolsonaro e o bolsonarismo definhem”, avalia. ♦

▶ **Clique aqui** e leia a matéria completa no site da revista Fórum:

[+] Tarcísio de Freitas é a “pinochetização” do Brasil

▶ **Clique aqui** e assista à entrevista do historiador **João Cezar de Castro Rocha** no Fórum Onze e Meia.



# JORNALISMO AUTÊNTICO E VERDADEIRO

Acesse todos os dias  
→ [www.revistaforum.com.br](http://www.revistaforum.com.br)

**Forum** o seu  
portal de notícias

[apoie.revistaforum.com.br](http://apoie.revistaforum.com.br)





Foto Tania Rêgo/Agência Brasil

## Segurança Pública

# A nova PEC da Segurança e o velho dilema da violência estatal

por Álvaro Quintão

○ Brasil vive, há décadas, o dilema entre a urgência por segurança e o compromisso com a dignidade humana. A recente proposta de emenda constitucional apresentada pelo ministro da Justiça, Ricardo Lewandowski, devolve esse dilema ao centro da vida pública, e o faz com o peso de uma



reforma estrutural.

A chamada “PEC da Segurança Pública” pretende constitucionalizar o Sistema Único de Segurança Pública (SUSP), ampliar competências da Polícia Federal (PF), instituir uma nova Polícia Viária Federal e integrar as guardas municipais ao rol dos órgãos de segurança pública. Trata-se de um movimento ambicioso, que busca resgatar a ideia de um sistema nacional, cooperativo e articulado, em um país onde a violência é, tantas vezes, expressão de desigualdade e ausência do Estado.

---

Mas toda ambição institucional, quando aplicada ao campo da segurança, exige vigilância redobrada. Porque é nesse campo que o Estado mais se aproxima do corpo do cidadão e, historicamente, é sobre os corpos negros, pobres e periféricos que esse Estado se faz mais brutal.

---

A PEC traz avanços formais. Instituir corregedorias com autonomia funcional e prever ouvidorias externas pode fortalecer mecanismos de controle que, no papel, inibem abusos. Garantir repasses estáveis aos fundos da segurança e do sistema penitenciário sinaliza preocupação com planejamento de longo prazo





Foto Isaac Amorim/MJSP

Ricardo Lewandowski, ministro da Justiça

— embora não se saiba, ainda, se tais verbas terão destino mais reativo ou preventivo.

Contudo, há uma lacuna ética no centro da proposta: ela não enfrenta a cultura que nos trouxe até aqui. Multiplicar instituições sem transformar o *ethos* da segurança pública é como pintar os muros de um edifício corroído por dentro. O problema do Brasil não é a ausência de polícia, mas a ausência de limites claros para seu poder de agir, e, sobretudo, de responder por seus atos.

O dispositivo mais sensível da PEC talvez seja a inclusão das guardas municipais como forças de segurança ostensiva. Guardas municipais são, historicamente, corpo civil, de vocação preventiva, vinculado às prefeituras e mais



próximo da dinâmica comunitária. Fornecer-lhes prerrogativas típicas de policiamento ostensivo e armamento progressivo, sem um projeto nacional claro de formação humanista, pode representar uma armadilha: o risco de replicarmos, nas ruas, o modelo de confronto e militarização que já demonstrou seus limites.

**JUSTAMENTE POR ESTAREM MAIS PRÓXIMAS DA CIDADE E DE SUAS CONTRADIÇÕES, [AS GUARDAS MUNICIPAIS] MERECEM UM LUGAR DE PROTAGONISMO NO CUIDADO — NÃO NO CONFRONTO**

Não se trata de negar a importância das guardas. Elas têm papel essencial na mediação cotidiana, na ocupação qualificada do espaço urbano, na interlocução com a população. Mas, justamente por estarem mais próximas da cidade e de suas contradições, merecem um lugar de protagonismo no cuidado — não no confronto.

A PEC também anuncia a criação de uma Polícia Viária Federal, substituindo a



Polícia Rodoviária e a Polícia Ferroviária, com competências ostensivas inéditas para o nível federal. O país, que nunca teve uma polícia ostensiva federal nos moldes propostos, entra aqui num território delicado. O modelo federativo brasileiro não comporta, sem forte risco de sobreposição e conflito, a centralização de comandos operacionais. A experiência da Força Nacional, ainda que irregular do ponto de vista normativo, mostra que intervenções federais devem ser excepcionais, subsidiárias, coordenadas — e jamais uma regra constitucionalizada.

O combate às milícias e ao crime organizado é, sim, tarefa de Estado. Mas sua eficácia está menos em aumentar o número de fardas e mais em recompor a confiança pública nas instituições. Nenhuma lei ou emenda será capaz de conter o avanço do crime se o Estado continuar ignorando que a desigualdade é sua aliada silenciosa. Nenhuma PEC substitui o compromisso com a educação, o urbanismo, a justiça social e a inteligência estratégica.

---

O Brasil precisa enfrentar o crime com rigor, mas precisa — ainda mais — enfrentar-se. Porque a violência que hoje vitima tantos cidadãos não é apenas obra de facções. É, muitas vezes, a continuação

de uma lógica estatal que nunca se reconciliou com os direitos humanos. Essa lógica precisa ser enfrentada, inclusive, quando se veste com a solenidade de uma proposta constitucional.

---

A PEC de Lewandowski acerta ao propor integração e planejamento. Mas erra, talvez por omissão, ao não declarar com todas as letras que a segurança pública deve ser orientada, acima de tudo, pela preservação da vida. Constitucionalizar a segurança sem constitucionalizar a vida é uma contradição que pode custar caro.

Que a segurança pública brasileira caminhe para a racionalidade, mas que jamais abdique da sensibilidade. Porque um Estado que busca eficiência sem ética, poder sem responsabilidade e ordem sem justiça pode até ser mais forte, mas será, sempre, menos democrático. ♦

\*Este artigo não reflete, necessariamente, a opinião da Fórum.

▶ **Clique aqui** e assista à entrevista do advogado **Álvaro Quintão** no Fórum Onze e Meia.





Foto Reprodução

**Economia**

# O mercado afronta a democracia

**Na lógica do mercado, os milhões que votam deveriam ajoelhar e agradecer por serem explorados**

**por Neiva Ribeiro**

“O mercado não elegeu, o mercado não aprova e o mercado joga contra”. Essa frase sintetiza um conflito profundo entre a vontade popular expressa nas urnas e os interesses de uma elite econômica que, embora não vote como bloco institucional, atua como se tivesse poder soberano. Quando os resultados das eleições não agradam ao mercado



— essa entidade abstrata que esconde bancos, corporações, grandes investidores e especuladores —, não é raro vermos ameaças veladas (ou explícitas) de fuga de capitais, oscilação na bolsa de valores, aumento do dólar, manipulação de indicadores econômicos, campanhas midiáticas e pressões políticas com o objetivo de reverter ou sabotar as decisões tomadas democraticamente pela maioria.

---


Chama-se de golpe quando a soberania popular é violada, mas é justamente isso que ocorre quando o “mercado” impõe suas regras mesmo após perder no jogo democrático. Ele não aceita que a maioria do povo vote por políticas de redistribuição, por direitos sociais, por soberania econômica, por uma democracia mais participativa e menos elitista. O mercado reage como se os 99% tivessem cometido um erro imperdoável ao ousarem escolher um caminho que não reverencia seus lucros.

---

Essa afronta à democracia se mostra em várias frentes: quando governos populares são sabotados, quando reformas impopulares são exigidas sob a chantagem do “ajuste fiscal”, quando o voto da favela, do campo, do trabalhador e da trabalhadora é tratado



como ameaça à “confiança dos investidores”. O mercado não se conforma com o povo decidindo — porque, para ele, o povo só serve como força de trabalho barata, como massa de consumo ou como justificativa retórica para defender o “crescimento”.



**NA LÓGICA DO MERCADO, OS MILHÕES QUE VOTAM DEVERIAM AJOELHAR E AGRADECER POR SEREM EXPLORADOS**

Na lógica do mercado, os milhões que votam deveriam ajoelhar e agradecer por serem explorados, como se o simples fato de estarem vivos dentro do sistema já fosse um privilégio. Ele lucra com a fome, com a precariedade, com a dívida, com a destruição ambiental, com a desigualdade — e se recusa a abrir mão desses privilégios mesmo que isso custe a democracia.

A verdade é que o mercado não quer jogar o jogo democrático — quer escrever as regras,



escalar os juízes, controlar o placar e decidir quem pode ou não disputar. E, se não for do seu agrado, ele vira a mesa.

---

O desafio é, portanto, fortalecer a democracia. Torná-la impermeável às chantagens de quem tem muito dinheiro, mas nenhum compromisso com o bem comum. Fortalecer as vozes populares, os movimentos sociais, as redes de solidariedade e as instituições que ainda resistem à captura do capital.

---

Porque, se o mercado se comporta como um poder acima do povo, cabe ao povo lembrar que democracia é governo da maioria — e não dos acionistas.

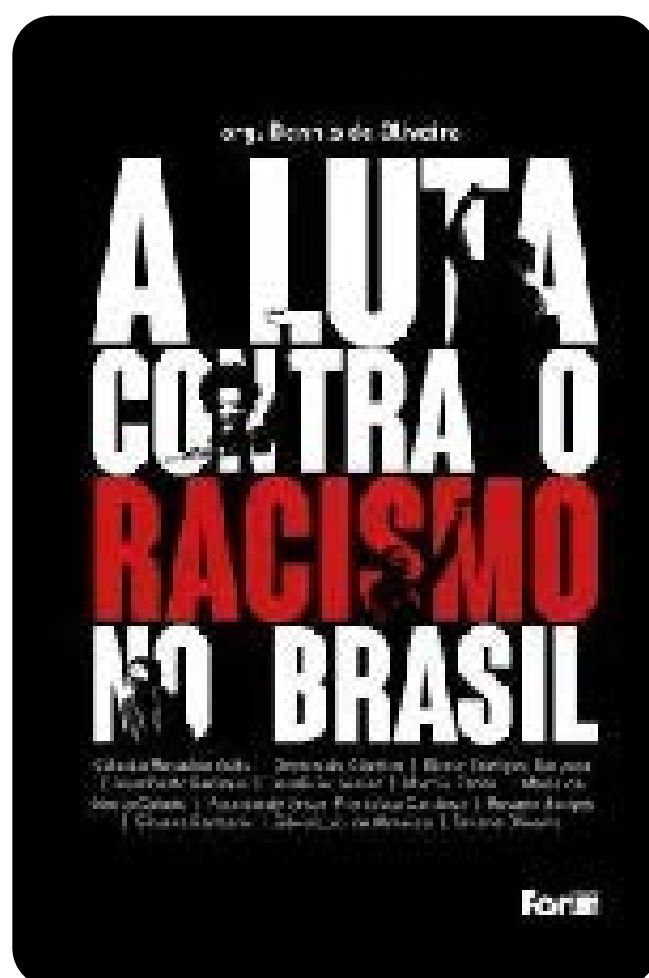
\*Este artigo não reflete, necessariamente, a opinião da Fórum.



# PROMOÇÃO ESPECIAL NA LOJA DA FÓRUM

LIVROS DO ACERVO POR

**R\$ 9,90!**



## APROVEITE



**CLIQUE AQUI**  
**E COMPRE JÁ**

[lojaforum.com.br/livros](http://lojaforum.com.br/livros)





Foto Reprodução

**Moda e política**

# O boné Maga e a guerra das tarifas

por Lara Vidal

**A** guerra tarifária em curso está focada na disputa entre as duas maiores economias do planeta, China e Estados Unidos. Essa dinâmica, por ora imprevisível, pode ser explicada a partir do exemplo do famoso boné vermelho com o slogan *Make America Great Again* (Maga).

No início de abril, o presidente dos Estados



Unidos, Donald Trump, impôs uma tarifa de 125% sobre produtos importados da China, incluindo vestuário e acessórios. Essa medida afeta diretamente os bonés Maga, símbolos emblemáticos de suas campanhas.



Foto Reprodução

**A versão oficial do boné Maga fabricado nos Estados Unidos pela Cali-Fame**

Os bonés oficiais do Maga são fabricados nos Estados Unidos por uma empresa em Carson, Califórnia, a Cali-Fame of Los Angeles. No caso das versões não oficiais e réplicas, são frequentemente produzidas na China e vendidas por terceiros. Uma análise do *Financial Times* de 24 de setembro de 2024 revelou que mais de 90% dos produtos mais vendidos relacionados às campanhas de Donald Trump e Kamala Harris na Amazon tinham vendedores com endereço na China.

Com a tarifa de 125%, o custo de importação



dos bonés não oficiais fabricados na China aumenta significativamente. Uma peça vendida antes por US\$ 25 passa a ter um acréscimo de US\$ 31,25 devido à tarifa, elevando seu preço final para US\$ 56,25.

O aumento pode impactar tanto os consumidores, que encaram preços mais altos, quanto os comerciantes, que precisam decidir se absorvem parte desse custo adicional ou o repassam integralmente aos compradores. Pode também desestimular consumidores a comprarem versões importadas e potencialmente beneficiar os fabricantes nacionais.

A cadeia produtiva da moda que produz os bonés não oficiais do Maga na China está conectada a um mundo globalizado. Ela é complexa e envolve múltiplos estágios que conectam diferentes países e empresas. Tomando como exemplo a produção do acessório trumpista na China e vendido nos Estados Unidos, o processo começa com o desenvolvimento e design das peças.

Empresas de moda, muitas vezes sediadas nos Estados Unidos ou em outros países desenvolvidos, identificam tendências de mercado e criam os conceitos para novos produtos. Embora o design possa ser realizado internamente, é comum que as empresas colaborem com designers independentes ou



agências especializadas ao redor do mundo.

Após o design, são selecionados os materiais adequados para a produção. A China, sendo um dos maiores produtores têxteis globais, fornece uma ampla variedade de tecidos e componentes, como materiais sintéticos para bonés. Acessórios como botões, zíperes e etiquetas são frequentemente adquiridos de fornecedores locais ou de países vizinhos.



Com os materiais em mãos, inicia-se a produção nas fábricas chinesas. Essas instalações são responsáveis por cortar, costurar e montar as peças conforme as especificações do design. A eficiência e a escala das fábricas chinesas permitem a produção em massa a custos competitivos, o que atrai empresas internacionais em busca de otimização de custos.

Antes da exportação, as peças passam



por um rigoroso controle de qualidade para assegurar que atendam aos padrões internacionais e às expectativas dos consumidores. Esse processo pode ser conduzido por equipes internas da fábrica ou por empresas terceirizadas especializadas em inspeção de qualidade.

Após a aprovação no controle de qualidade, os bonés são embalados e preparados para o transporte. Geralmente, são enviados por via marítima em contêineres para os Estados Unidos, um processo que pode levar várias semanas. Ao chegar ao destino, as mercadorias passam pelos procedimentos alfandegários antes de serem distribuídas aos centros de distribuição ou diretamente às lojas de varejo.

Nos Estados Unidos, os produtos são distribuídos para diversos pontos de venda, incluindo lojas físicas e plataformas de comércio eletrônico. As estratégias de marketing e merchandising são implementadas para atrair consumidores e impulsionar as vendas. Finalmente, os consumidores compram os bonés. O ciclo de vida do produto continua com o uso, manutenção e, eventualmente, descarte ou reciclagem das peças.

## **Mudanças nunca vistas em um século**

O tarifaço de Trump está remodelando o



mundo que conhecemos, e um jeito de explicar essas mudanças é por meio da indústria da moda e do boné do Maga. Nas últimas décadas, esse setor operava de maneira bastante definida: países desenvolvidos criavam e vendiam roupas, enquanto nações do Sul Global, especialmente na Ásia, cuidavam da produção. A China se destacou nesse cenário, tornando-se a “fábrica do mundo”, produzindo não apenas vestuário, mas também materiais como tecidos, zíperes e etiquetas para marcas internacionais.



**“ATUALMENTE,  
AS MUDANÇAS  
PROFUNDAS DO  
MUNDO NUNCA  
VISTAS EM UM  
SÉCULO EVOLUEM  
DE FORMA  
ACELERADA”  
XI JINPING**

Foto Reprodução

As mudanças deflagradas por Trump não pegaram a China desprevenida. A avaliação de que o mundo tal qual conhecemos tem passado por mudanças não vistas há um século foi utilizada pela primeira vez por Xi Jinping



em junho de 2018, durante a Conferência Central de Trabalho Relacionado aos Assuntos Externos. Naquela ocasião, o líder chinês afirmou: “A China agora se encontra no melhor período para o desenvolvimento desde o advento da era moderna; o mundo enfrenta grandes mudanças não vistas em um século.”

Em 2022, em seu relatório para o vigésimo Congresso Nacional do Partido Comunista Chinês (PCCCh), Xi afirmou: “Atualmente, as mudanças profundas do mundo nunca vistas em um século evoluem de forma acelerada.”

Em sua mensagem de final de ano ao povo chinês, em 31 de dezembro de 2024, ele voltou a falar sobre as transformações que estão acontecendo neste momento.

---

“ Em um mundo de transformação e turbulência, a China, como um grande país responsável, está promovendo ativamente a reforma da governança global e aprofundando a solidariedade e a cooperação entre o Sul Global”, discursou.

---

Desde então, essa frase tem sido empregada regularmente por Xi e outros líderes chineses para descrever as transformações significativas no cenário internacional e enfatizar a necessidade de adaptação da China a essas



novas realidades.

Não é de hoje que o povo chinês tem se preparado. A partir da Reforma e Abertura, colocada em prática nos anos 1980, a China passou por uma rápida industrialização e se abriu ao mercado global.

Com mão de obra barata, boa infraestrutura e capacidade de produção em larga escala, atraiu inúmeras marcas. Mesmo com o aumento dos salários chineses nos últimos anos, o país ainda domina a cadeia de suprimentos da moda, frequentemente coordenando ou fornecendo materiais para fábricas em outros países asiáticos.



O presidente  
Donald Trump

Foto Reprodução

Esse cenário de bonança começou a mudar em 2018, quando o então presidente dos EUA, Donald Trump, adotou uma postura mais protecionista e iniciou uma guerra comercial com a China (Xi avisou naquele ano sobre as turbulências).



O republicano impôs tarifas sobre centenas de bilhões de dólares em produtos chineses, incluindo itens têxteis e roupas, com o objetivo de proteger a indústria estadunidense, reduzir o déficit comercial e diminuir a dependência dos EUA em relação à China.

Na prática, essas medidas afetaram toda a lógica da globalização, levando marcas a transferirem parte de sua produção para países como Vietnã, Bangladesh e Índia, onde os custos permanecem baixos e as tarifas são menores.

---

Isso não significa que a China perdeu sua importância. Pelo contrário, o país investiu ainda mais em automação, pesquisa, inovação têxtil e inteligência artificial, transformando-se não apenas em um centro de produção, mas também em um polo tecnológico da moda.

---

Atualmente, grandes plataformas chinesas, como Shein, Alibaba e Temu, exportam diretamente para consumidores ao redor do mundo, eliminando intermediários e desafiando os modelos tradicionais de varejo.

Assim, o papel da China na divisão internacional do trabalho foi além da simples fabricação. O país se tornou líder em inteligência de dados, logística e controle da cadeia



produtiva, gerenciando processos desde o design até a entrega. Esse poder, aliado ao avanço da digitalização, coloca a potência asiática em uma posição estratégica no capitalismo de plataforma.

As primeiras tarifas impostas por Trump não eliminaram a dependência global da produção asiática; elas apenas realocaram parte da produção e evidenciaram a complexidade da cadeia da moda. A estrutura produtiva continua explorando trabalhadores invisíveis em países com pouca regulamentação, mantendo o modelo de produção rápida, barata e descartável.

Observando essa nova fase, percebemos que o capitalismo atual não abandonou o *fast fashion*, mas o adaptou às disputas geopolíticas, ao avanço dos dados e às plataformas digitais. Enquanto isso, a moda continua refletindo e impulsionando essas mudanças, expondo as contradições entre inovação e exploração, entre conexão global e desigualdade estrutural.

Neste segundo mandato, Trump chegou com tudo e implementou uma série de tarifas de importação que afetaram significativamente a indústria global da moda, altamente dependente de cadeias de suprimentos globais.

Marcas que produzem no exterior enfrentam custos mais altos devido às tarifas. Empresas

como a Nike, que fabrica grande parte de seus produtos no Vietnã, China e Camboja, viram seus preços de produção aumentarem significativamente. Marcas menores enfrentam desafios significativos. Por exemplo, a 3sixteen, uma marca independente, expressou preocupações sobre o aumento dos custos e a incerteza nos negócios, prevendo aumentos de preços ao consumidor de até US\$ 50 por item.



Antecipando aumentos de preços, alguns consumidores começaram a estocar produtos, o que pode levar à escassez de estoque e aumentos adicionais nos preços.

Além das tarifas gerais, ações específicas impactaram o setor de varejo de moda, como a ordem executiva assinada por Trump em 3 de abril de 2025 que encerrou a isenção de minimis para produtos de baixo custo da China





## **AS TARIFAS IMPOSTAS PELOS EUA CONTRA A CHINA JÁ SOMAM 145%**

Foto Reprodução

e Hong Kong. Anteriormente, pacotes avaliados em menos de US\$ 800 podiam entrar nos EUA sem tarifas. A nova política impôs uma taxa de 30% ou US\$ 25 por item, o que for maior, afetando varejistas on-line como Temu e Shein, que dependem dessa isenção.

À luz do retorno de Trump à Casa Branca, em janeiro de 2025, a frase de Xi, em junho de 2018, soa profética: o mundo enfrenta grandes mudanças não vistas em um século.

Sob intensa pressão dos mercados e dos bilionários que o apoiam, o presidente Donald Trump recuou e anunciou na quarta-feira (9) que as taxações aos parceiros comerciais dos EUA – com exceção da China – estão suspensas por 90 dias e que se manterão nos patamares mínimos de 10% até lá. ♦



# Bonés da **FORUM**

entre mundo em debate




Compre  
o seu na  
Loja da  
Fórum

**AQUI**

Membros  
da Fórum  
têm 20% de  
desconto





A photograph showing Friedrich Merz on the left and Lars Klingbeil on the right. Merz is wearing glasses and a dark suit with a patterned tie. Klingbeil is also in a dark suit. They appear to be at a formal event, possibly a press conference, with a microphone visible in the foreground. The background is slightly blurred, showing what might be a flag or a wall.

O futuro chanceler alemão, Friedrich Merz, do CDU, e o colíder do SPD, Lars Klingbeil

Foto: Reuters/Folhapress

**Global**

# Nova coalizão na Alemanha

Parceria estratégica com o Brasil, retomada do acordo União Europeia-Mercosul e combate firme ao extremismo marcam o plano do governo a ser formado por conservadores e centro-esquerda

por Ivan Longo, de Berlim

**A** Alemanha se prepara para uma nova fase política com a formação de um governo de coalizão entre o União Democrata-Cristã (CDU), da ex-chanceler Angela Merkel, e o Partido Social-Democrata

(SPD), do atual chanceler Olaf Scholz. O CDU, legenda conservadora, venceu a eleição antecipada de fevereiro, enquanto o SPD, de centro-esquerda, ficou em terceiro lugar.

---

O acordo, apresentado oficialmente na quarta-feira (9) e intitulado “Responsabilidade para a Alemanha”, sela a aliança entre os dois principais partidos do país e deverá conduzir o conservador Friedrich Merz ao cargo de chanceler federal no início de maio.

---

O texto ainda precisa ser ratificado pelas bases dos dois partidos. Em seguida, Merz será submetido à votação no Bundestag (Parlamento alemão) para assumir formalmente o posto equivalente ao de primeiro-ministro.

Entre os pontos de destaque do acordo de 146 páginas está o reconhecimento do Brasil como parceiro estratégico na política externa alemã.

“Queremos intensificar e aprofundar as relações estratégicas com o Brasil”, afirma o documento, que também estabelece o objetivo de “ampliar as cooperações econômicas, ambientais e tecnológicas” com países-chave fora da Europa.

O texto amplia o escopo das relações internacionais ao apontar a América Latina e o



Caribe como regiões de interesse especial para parcerias. Nesse contexto, a coalizão defende uma rápida ratificação do acordo União Europeia–Mercosul, considerado um dos compromissos centrais da nova agenda diplomática.

“A ratificação do acordo UE-Mercosul é um passo necessário para o fortalecimento da presença europeia na região”, destaca o trecho. O pacto também reforça o empenho em concluir o tratado comercial com o México e promover novas negociações com países africanos e asiáticos



## **Isolamento da extrema direita**

Apesar de o partido de extrema direita Alternativa para a Alemanha (AfD) ter conquistado 20,8% dos votos na eleição antecipada de fevereiro e se tornado a segunda maior força política do país, ele foi excluído da coalizão.

“Mostramos tolerância zero com o extremismo de direita e outras formas de extremismo”, diz o documento da coalizão entre conservadores e sociais-democratas.

---

O AfD, cujos membros já tiveram ligações comprovadas com grupos neonazistas, segue sendo monitorado pelo serviço de inteligência alemão. A exclusão do partido do novo governo mantém vivo, ao menos por hora, o princípio do Brandmauer, o “cordão sanitário” estabelecido por partidos tradicionais no pós-guerra para isolar forças antidemocráticas.

### **Política migratória será endurecida**

A política migratória é outro eixo central do novo governo. A coalizão promete, em resposta a uma demanda que levou ao crescimento da extrema direita, “acabar em grande medida com a migração irregular”.

Entre as medidas anunciadas estão:

- Fim de programas federais de acolhimento voluntário;
- Suspensão temporária do reagrupamento familiar para pessoas com proteção subsidiária;
- Controles reforçados nas fronteiras



nacionais;

- Aceleração de processos de deportação;

Apesar disso, o texto afirma que a Alemanha continuará sendo um país de acolhida, mas com critérios mais claros e foco na migração qualificada.



Membros do CDU e SPD durante coletiva de imprensa para anunciar coalizão

## **Outras prioridades do novo governo**

Além da política externa e da migração, o acordo CDU-SPD prevê diversas medidas para enfrentar a recessão econômica, fortalecer a defesa nacional e modernizar o Estado. Entre os principais pontos estão:

- Criação de um Conselho Nacional de Segurança, vinculado à chancelaria;

- Redução do imposto de renda corporativo a partir de 2028;
- Fundo de 500 bilhões de euros para infraestrutura nos próximos dez anos;
- Cortes de 10% nos gastos administrativos dos ministérios até 2029 (exceto segurança);
- Manutenção do salário mínimo em crescimento e apoio à classe trabalhadora.

## **Merz promete estabilidade e crescimento econômico**

Friedrich Merz, que deverá ser eleito chanceler federal pelo Bundestag em 7 de maio, declarou que a nova coalizão representa um “novo começo” para a Alemanha.

“Concluimos um bom acordo de coalizão. Agora precisamos reativar nossa economia, preservar empregos, criar novos e facilitar os investimentos na Alemanha. Essa é a única maneira de fazer nosso país avançar novamente”, declarou.

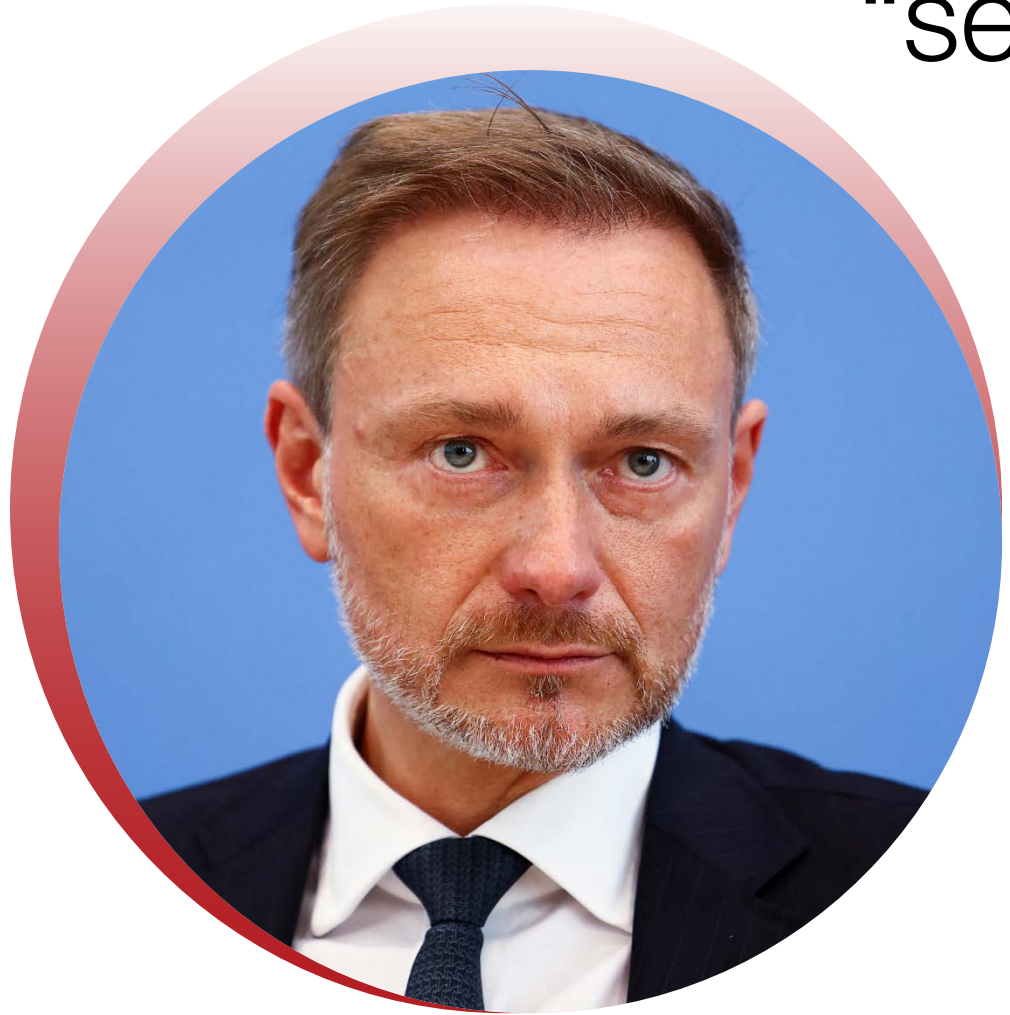
Com 328 cadeiras no Parlamento, a aliança entre CDU e SPD possui maioria para governar com estabilidade, mesmo em um cenário de fragmentação política e crescimento da extrema direita.

## **Como a nova coalizão chegou ao poder**

A formação do novo governo CDU-SPD foi



viabilizada após meses de instabilidade política. Em dezembro de 2024, o presidente Frank-Walter Steinmeier dissolveu o Bundestag depois que o então chanceler Olaf Scholz perdeu uma moção de confiança. O colapso da coalizão



“semáforo” — formada por SPD, Verdes e FDP — foi ocasionado pela demissão do ministro das Finanças **Christian Lindner** (FDP), que deixou o governo em meio a impasses com Scholz sobre a política fiscal.

Sem apoio suficiente no Parlamento, Scholz convocou eleições antecipadas, realizadas em 17 de fevereiro de 2025. O pleito terminou com o bloco CDU/CSU em primeiro lugar, o AfD em segundo e o SPD em terceiro. Diante da pressão social contra a extrema direita – que havia crescido fortemente em 2024 e chegou a liderar governos regionais como na Turíngia –, os partidos tradicionais mantiveram o *Brandmauer* e se recusaram a negociar com o AfD.

Apenas agora CDU e SPD fecharam um acordo para formar uma coalizão, opção que havia sido descartada nos anos anteriores, mas considerada necessária diante do cenário fragmentado. ♦

# FORUM

Siga o canal da  
**Revista Fórum**  
no WhatsApp


E receba  
**notícias  
exclusivas**

[Clique aqui](#)  
e se inscreva





Crônica



**SALVEM  
FLORIPA!  
UMA  
BELA  
CIDADE,  
MAS...**

por Mouzar Benedito

**N**ão! Não estou me referindo à política, que vai mal em Santa Catarina e sua capital – embora tenha lá gente que não se enquadre na fama direitista que seus moradores ganharam. Muita gente, embora não seja a maioria.

Sobre salvar Floripa, eu me refiro à beleza da ilha, suas praias que vão sendo detonadas pela especulação imobiliária (como em todo o Brasil, aliás), e também há gente resistindo. E torço para que essa resistência tenha sucesso.

Tem uma coisa que acho muito “interessante” nos capitalistas brasileiros e também estrangeiros que invadem o Brasil. “Interessante” entre aspas mesmo, porque é no mau sentido: de vez em quando “descobrem” uma praia lindíssima, zero poluição, mar limpo... propagandeiam a beleza e as qualidades do lugar, e anunciam um novo “empreendimento” ali, dizendo que é para pessoas privilegiadas, apreciadoras de um ambiente legal, bonito e despoluído. E o que vem é um conjunto habitacional, um hotel ou qualquer coisa que encha o lugar de gente, mas com um detalhe:



vai acabar com a beleza e com as qualidades do local. Geralmente, despejam o esgoto no mar e o tornam impróprio para o banho. Doenças na certa. A especialidade deles é detonar tudo o que há de belo para ganhar mais e mais dinheiro. Deu dinheiro, é ético. Podem matar a mãe, podem matar o futuro dos filhos... Deu dinheiro? Maravilha!

---

Basta ver o litoral norte de São Paulo: praias antes belíssimas tomadas de assalto por empreiteiras depois da abertura da rodovia Rio-Santos, e hoje é quase totalmente impossível encontrar nele uma praia não poluída, com mar que não seja “impróprio para banho”. Ah, sim... tem pobres morando ali também. Enquanto eram só pobres, comunidades de pescadores, não tinha tantos problemas. Os pobres foram empurrados para áreas de morros próximos, ruins para o meio ambiente também...

---

Isso sem contar que, muitas vezes, além do patrimônio natural, os especuladores destroem também o patrimônio cultural. Não dão o mínimo valor pra nada, o que interessa é juntar mais grana aos bilhões que já têm. Pra piorar, tem um monte de novos ricos ou de gente da



classe média alta que gosta disso, compra ou frequenta os lugares que foram agradáveis e se tornaram bestas e ruins.



Ah... sempre vem à memória o Balneário Camboriú, de que já gostei e que se transformou no paraíso do mau gosto de ricos direitistas. Foi um lugar bonito e gostoso quando conheci e nem penso em ir lá de novo, porque aquele lugar com praia belíssima agora tem uns prédios enormes fazendo sombra nela e tentam espichar um pouco a faixa de areia de maneira artificial. E seus novos moradores adoram isso.

Falando nesse lugar detonado pela especulação imobiliária, volto não só a pensar em Floripa, mas em todo o estado de Santa Catarina, com um litoral dos mais belos do Brasil. Sempre brinquei: o Rio Grande do Sul não tem praias bonitas, são faixas de areia extensas, sem atrativos, até chegar em Torres,



que é um lugar bonito... na divisa de Santa Catarina. Aí começam praias lindíssimas que continuam até o extremo norte, no município de São Francisco do Sul, divisa do Paraná. As praias em seguida já não são tão bonitas.



Eu ia muito a São Francisco do Sul, cidade histórica, onde os primeiros europeus a chegar foram franceses, em 1504. Era habitada por um povo de língua guarani, os carijós, que também habitavam a ilha que depois se chamaria Santa Catarina. Binot Paulmier de Gonneville comandava a expedição francesa, que passou uns meses lá e voltou para a França levando o jovem Içá-Mirim, filho do cacique Arosca. Gonneville previa a chegada de muitos europeus e convenceu o cacique a treinar seu filho no uso das armas de fogo, para encarar os invasores.

Pouco mais de um ano depois, traria o rapaz

de volta, habilitado para o uso da pólvora e para repassar seus conhecimentos ao seu povo. Mas a expedição não deu o lucro esperado e seu financiador não promoveu a volta de Gonneville. Angustiado por não cumprir sua palavra e trazer Içá-Mirim de volta, ele casou o jovem indígena com uma de suas filhas, e o casal teve 14 filhos. Isso me faz pensar numa coisa: franceses de narizes empinados, julgando-se puros-sangues, além de terem sangue de outros povos europeus podem ter também sangue carijó. Imaginem: se no começo do século 16 Içá-Mirim teve 14 filhos, quantos descendentes dele haverá hoje? O crescimento é geométrico, calculo que centenas de milhares de franceses têm pelo menos uma gota de sangue carijó.

Bom... São Francisco do Sul é uma cidade que eu gostava demais, e tinha lá um casal de amigos muito generosos que me hospedava. Além disso, foi lá que conheci uma bebida chamada Wacholder, feita de cachaça com zimbro, que passei a consumir regularmente. Pensei em morar lá, mas não deu.

Frequentei muito Florianópolis também. Gostava especialmente do entorno da Lagoa da Conceição, onde moravam (e acho que moram) muitas bruxas. Sim. Bruxas de verdade, não as falsas, caricatas, que imaginam voando montadas em vassouras.



# LAGOA DA CONCEIÇÃO

## LAGOA DA CONCEIÇÃO



Foto Reprodução

Quando a Inquisição queimava na fogueira mulheres acusadas de bruxaria em muitos países da Europa, Portugal optou por outra punição: precisava colonizar lugares que “descobriu”, então mandava essas mulheres para os Açores. Lembro que a verdadeira causa da queima de bruxas se devia ao fato de serem mulheres sábias e que contestavam o poder dos reis e da Igreja.

Algumas gerações depois, parte dessas mulheres foi mandada por Portugal para a ilha de Santa Catarina, que antes era domínio espanhol e passou ao português. As bruxas açorianas passaram seus conhecimentos para suas herdeiras e muitas delas vieram para a atual Florianópolis, nome injusto para a cidade, dado em homenagem ao Marechal Floriano, depois de ele enforcar quase duzentos

moradores que contestavam a Proclamação da República – um governador puxa-saco homenageou o algoz. Por isso muita gente prefere o apelido Floripa, que disfarça o nome do homenageado.

---

Essas mulheres se estabeleceram no entorno da lagoa, exercendo seus conhecimentos de fitoterapia e muitos outros. Elas gostam de ser bruxas, mas odeiam ser comparadas com as do Halloween gringo (não do original, dos povos celtas), caricaturas de bruxas. Um ano nos chamaram e comemoramos lá o 31 de outubro como Dia do Saci e das Bruxas, mas não as do Halloween.

---

Eu gostava de me sentar em algum bar ou restaurante à beira da lagoa e ficar apreciando aquela beleza, comendo peixe e bebendo cerveja. Pois me disseram que agora isso está um tanto prejudicado pela poluição das águas da lagoa.

Outro lugar de que gostava na ilha era Santo Antônio de Lisboa, povoado pouco ao norte do centro de Florianópolis, fundado em 1751, também recebendo açorianos, e tendo como padroeira Nossa Senhora das Necessidades (poderia ser minha protetora!). Até a última



vez que fui lá, há muitos anos, era um lugar silencioso e bonito, uma rua com casas antigas e simpáticas de um lado e a praia do outro. A praia é voltada para o continente e tinha a fama de ter o pôr-do-sol mais bonito do Brasil.

Era gostoso ficar debaixo de uma figueira na praia, no silêncio quebrado só de hora em hora, quando passava um ônibus. Pois fiquei sabendo que os turistas descobriram Santo Antônio de Lisboa. Disseram pra mim que tem até muito trânsito. Vi uma foto do Carnaval de 2024 lá e a rua estava entupida de gente. “Normal”, era de se esperar.



Tudo que falei até agora para chegar onde queria... A detonação de belos lugares da ilha de Santa Catarina com “empreendimentos” burgueses horrorosos chegou a um lugar ali perto. Pouco depois desse povoado tem a Praia do Toló, pequenininha, bonita,



onde tem um sambaqui. Talvez tenha gente que não saiba o que é isso, então explico. Sambaquis (amontoados de ostras, em tupi) são montes de conchas, terra, areia e vários objetos acumulados durante muitos anos por povos pré-históricos que habitavam o litoral brasileiro, e chegam a ter até mais de 40 metros de altura. Neles encontram-se urnas funerárias, colares, pontas de lança, esculturas, objetos de cerâmica e outras coisas acumuladas por eles. São sítios arqueológicos que fornecem informações sobre esses povos. Por isso são preservados, mas sempre tem gente cobiçando o espaço que ocupam e, se possível, acabam com eles para fazer mais um “empreendimento”.

---

**A Praia do Toló e seu sambaqui correm o risco de se tornarem mais um local detonado da ilha de Santa Catarina, à revelia de pessoas que lutam para preservar a ilha.**

---

Um “super hotel” de fundos de investimento dos capitalistas internacionais George Soros e Nicholas Pritzker está sendo construído no morro, derrubando a mata nativa e rasgando o solo, e a lama já chega à praia, atingindo também áreas de preservação do sambaqui.



O hotel que está sendo construído ali, ironicamente, chama-se Vistas Sambaqui Transamérica. Nascentes também já sumiram. “É uma obra que nunca deveria ser autorizada”, dizem militantes do movimento SOS Sambaqui.

Fui convidado para ir a um protesto promovido pela Associação Bairro do Sambaqui na Praia do Toló, com o lema “Não à destruição da nossa praia”. Não deu pra ir, moro em São Paulo e tenho dificuldade para viajar hoje em dia. Mas a causa é boa.

E com música ao vivo, o que é bom, porque podemos defender nossas causas com alegria. Por falar em música, a amiga Rosana Bond, grande defensora de Floripa e estudiosa do Caminho do Peabiru (trilha indígena que ligava o litoral Sul do Brasil aos Andes), me mandou uma “trilha sonora para os bandidos que vieram lá de fora assaltar nosso Sambaqui”. É a música *Money*, do Pink Floyd.

Aí vai um trecho da letra traduzida:

*Dinheiro, fuja*

*Arrume um emprego*

*com um salário melhor*

*Que você ficará bem.*

*Dinheiro, é incrível,*

*Agarre essa grana com as duas mãos*

*E faça um esconderijo.*

*Carro novo, caviar,  
Sonhar acordado com coisas caras.  
Acho que comprarei  
Um time de futebol para mim.  
Dinheiro, pegue de volta  
Eu estou bem, cara,  
Tire as suas mãos da minha pilha de dinheiro.  
Dinheiro, é um golpe  
Ah, não venha com essa bobagem.  
De dizer que dinheiro não compra felicidade  
(...)  
Dinheiro, assim eles dizem,  
É a raiz de todo o mal hoje em dia.  
Mas se você pedir um aumento  
Não é surpresa que eles  
Não te darão, não te darão, não te darão (...)  
Eu com certeza tinha razão!  
Sim, eu estava completamente certo.  
Esse velhote que estava procurando  
encrenca  
É!...  
Por que ninguém faz nada?♦*

► **Clique aqui** e assista ao videoclipe de **Money**,  
do Pink Floyd.



Café  
Especial



FORUM

FORUM



outro mundo em debate

FORUM

Torrado e moído  
100% arábica

500g

Descubra o  
sabor intenso  
e inconfundível  
deste café e a  
autenticidade  
que flui em  
cada xícara.



Compre na  
Loja da Fórum

**CLIQUE**  
**AQUI**

REVISTA  
**Forum** outro mundo em debate

expediente |

edição #158

**Diretor de Redação**

\_ Renato Rovai

**Editora executiva**

\_ Dri Delorenzo

**Textos desta edição:**

\_ Henrique Rodrigues

\_ Marcelo Uchôa

\_ Júlia Motta

\_ Álvaro Quintão

\_ Neiva Ribeiro

\_ Iara Vidal

\_ Ivan Longo

\_ Mouzar Benedito

**Designer**

\_ Marcos Guinoza

**Revisão**

\_ Laura Pequeno

Acesse: [revistaforum.com.br](http://revistaforum.com.br)



[youtube.com/forumrevista](https://youtube.com/forumrevista)



[@revistaforum](https://twitter.com/revistaforum)



[facebook.com/forumrevista](https://facebook.com/forumrevista)



[@revistaforum](https://instagram.com/revistaforum)